

# Xokó desconfia de visita de brancos a sua ilha

Eles habitam a Ilha de São Pedro, em Porto da Folha (SE), depois da retomada de seu território, que consideram um céu

Na ilha São Pedro, município de Porto da Folha, Sergipe, às margens do Rio São Francisco, do outro lado da cidade alagoana de Pão de Açúcar, vive o povo xocó. Devido à miscigenação com os negros remanescentes de um quilombo denominado Mucambo, em Pão de Açúcar, a pele da maioria desses índios é escura. Por serem desconfiados ao extremo, a equipe de reportagem da GAZETA e da TV estatal suíça teve que explicar, em detalhes, as razões da visita enquanto se preparavam para uma roda de toré. Eles têm razão de sobra para isso: durante muito tempo viveram sob opressão, em regime de semi-escravidão para poderosas famílias da região. A luz elétrica só

chegou à ilha em maio do ano passado. Depois de seguir por uma estrada estreita e arenosa, um barco indígena conduziu os jornalistas e os representantes do Cimi até a ilha.

Eles moram num arruado de casas muito semelhantes às dos bairros pobres das cidades. O cacique Heleno Bezerra dos Santos, 42 anos, recebeu os visitantes. Segundo as suas informações, hoje estão com os xocós, 4.200 hectares, demarcados e a ser indenizados; 60% com a tribo. São 320 pessoas distribuídas em 52 casas. Eles vivem do plantio de milho, feijão, macaxeira e

abóbora; criam algumas vaquinhas, "para molhar o cuscuz e fazer a papa dos meninos" e da pesca, que mal dá para o consumo. Depois da barragem da Chesf ficou escassa. As mulheres fazem utensílios e artesanato em cerâmica para vender em Pão de Açúcar, mas a atividade não rende quase nada. Elas também vão à roça.

"Os Britos haviam tomado nossas terras, impediram a prática de nossos costumes, não sabemos nem qual era nossa língua e só deixou morando na terra que era do povo xocó aqueles que não mais cultivassem qualquer traço de nossa cul-

tura; passamos a viver cativos", diz Heleno. Restaram, segundo ele, todas as lembranças na memória, reativadas quando retomaram seu território e agora postas em prática livremente.

## Tradições

Os mais velhos tinham uma missão: ativar a memória de cada geração para que não perdessem, de vez, suas raízes. Era comum durante o trabalho nas plantações de arroz de várzea, onde trabalhavam dentro d'água, utilizar bebidas que impulsionavam as suas tradições. Nestes instantes, não dava para segurar e o povo xocó cantava e dançava conforme seus rituais. Os Britos os chamavam e como punição

os mandavam embora da terra quando isso acontecia.

Sobre a convivência com os negros dos quilombos, Heleno diz que nunca houve problemas. "Negros e índios são as classes mais sofridas desta terra", observa ao falar que se solidarizam, trocam apoio e até casam entre si. A relação com os Britos era injusta e do tipo "dois para eles e um para nós", diz o cacique ao referir-se à colheita de arroz e à pesca quando o São Francisco ainda estava para peixe. "Os Britos juntavam volume dos piores peixes e deixavam para a gente", ressalta. Relação desproporcional ocorria também em relação ao milho, feijão ou outra cultura.



FOTOS DE LUIZ CUNHA



Na aldeia xocó, na Ilha São Pedro, a marca da devoção católica, herança das missões religiosas de sua história, marcada pela opressão, no município de Porto da Folha, em Sergipe

## PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS INDICAM PRESENÇA NATIVA

Pesquisas arqueológicas realizadas na região de Xingó, em Piranhas, indicam ocupação do vale por populações humanas que precederam, em milênios, a presença de europeus na área. Segundo um estudo feito pela professora Beatriz Góis Dantas, da Universidade de Aracaju, somente no fim do século XVII encontram-se, em fontes escritas, referências sobre os xocós. O avanço da mineração e da agropecuária na região do São Francisco atrai missionários para cate-

quese, sobretudo, depois da expulsão dos holandeses do Nordeste. As populações nativas se defrontam então com criadores de gado, guerras e missões. Há registros de xocós de Sergipe ao sul do Ceará.

"Sua presença é indicada ora na margem esquerda, ora na margem direita do Rio São Francisco em terras que hoje integram os Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe", diz Beatriz. Em Sergipe, a presença é marcada numa antiga missão dos capuchi-

nhos, na Ilha São Pedro, do Porto da Folha. Há xocós que se refugiaram em Porto Real do Colégio, unindo-se aos kariris e formando um só povo: kariris-xocós, após a política fundiária do Império, quando perderam suas terras.

## Século XIX

No lado sergipano, além da ilha, eles habitam Caiçara. Em 1700, a Coroa reconheceu aos índios aldeados a posse e uso das terras, mas entraram em atrito com colonos da região. No século XIX, o imperador Pedro II manda que essas terras de índios sejam incorporadas aos bens da Nação e os aldeados passam a ser confundidos com a população "civilizada".

"De imediato, muda o discurso das autoridades da Província de Sergipe em relação ao índio; antes admitiam a sua existência, depois passam a ser pessoas de diferentes castas ou mestiços, chegando assim a expropriação de suas terras", relata Beatriz Góis. De mestiço, eles passam a caboclo, uma nova forma de classificar os habitantes das antigas aldeias, transformadas em fazendas para a criação de gado, incluindo São Pedro. As origens indígenas os expunham à violência, à mira dos fazendeiros, que, em nome de uma proclamada extinção indígena, tiveram o acesso legalizado à terra. Os povos indígenas passam a morar em terras de patrão.

Quase 100 anos depois, no início da década de 80, descendentes da missão de São Pedro encontram condições para retomar a ilha. O Cimi (Conselho Indigenista Missionário), teve papel relevante, além da diocese de Propriá, a imprensa, estudantes e universitários, intelectuais, entidades governamentais e não-governamentais. Houve intensa mobilização dos índios e seus aliados, em clima de violência e permanente tensão. Os processos tramitaram lentamente, mas tudo foi registrado na imprensa. Junto com a terra, houve a retomada da consciência étnica, desses e de outros povos nordestinos.



FOTOS DE LUIZ CUNHA

De casamentos com os negros do quilombo Mucambo, em Pão de Açúcar, traços negros destes índios que agora só querem manter vivas suas tradições étnicas e culturais

## Pajé tem traços miscigenados e muito orgulho de sua sabedoria

"Eu sou Raimundo Bezerra, mas pode me chamar de Raimundo Xocó, com o maior prazer", grita o pajé, de 65 anos, de olhos cinza claro, pele escura e cabelos meio encaracolados, numa verdadeira mistura de raças. Ele avisou ser analfabeto, mas capaz de puxar a enxada, e se define como o padre e o médico da aldeia. Conhece os segredos das plantas e conduz o toré e a religião Ouricuri. "Sou

uma pessoa conselheira, para os que cometem erros na minha tribo", diz.

Ao ser indagado sobre a religião e as tradições diz que branco não entende, por exemplo o valor da jurema - uma bebida feita da casca da árvore - nesse momento, é advertido pelo cacique Heleno Bezerra: "Cuidado para não se aprofundar", referindo-se aos segredos indígenas de seus rituais.

Heleno lembra que durante muito tempo seu povo viveu assombrado. "Só estou dando esta entrevista porque conhecemos o Jorge, é que não sabemos quem são os nossos verdadeiros amigos brancos", diz o cacique, referindo-se a Jorge Vieira, do Cimi. Ele define a vivência anterior dos xocós como de pessoas no cabresto, passarinhos na gaiola. O processo de retomada das terras custou

caro, houve tentativas de assassinato mas hoje eles se definem como "videntes do céu, pela posse da mãe terra", mesmo com todas as dificuldades de sobrevivência.

Heleno se recusa a discutir projetos de investimentos em crédito agrícola para pagar em dois, três anos parcelado. "Não queremos ficar ricos, isso não é coisa de índio, então irrigar e ter lucro

para quê? Não que o índio seja preguiçoso, somos diferentes", afirma. Sobre as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, diz que o povo indígena deveria levar para a festa que os brancos preparam em Porto Seguro, uma bandeira preta com destaque em vermelho, simbolizando a morte e o sangue derramado durante todos esses anos.